



OS SENTIDOS SOBRE A CULTURA DIGITAL NO MATERIAL DIDÁTICO DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Jacqueline Meireles Ronconi¹

Soraya Maria Romano Pacífico²

Introdução

Sabemos que as tecnologias são de grande valia para o contexto educacional, sendo assim, concordamos em que o computador “invade as esferas que sustentam o pensamento humano e é nesse sentido que é preciso redefinir a percepção de realidade que nos cerca e entender como o sujeito atua nessa realidade” (DIAS, 2004, p. 62). Porém, é preciso entender como esse processo de inserção das tecnologias nas escolas, principalmente no ensino público, são implementadas.

Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar quais sentidos sobre a cultura digital circulam no material didático de Língua Portuguesa “Currículo em Ação” ofertado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Essa pesquisa se fundamentou nos postulados teórico-metodológicos da Análise do Discurso de “linha” francesa (AD), segundo Michel Pêcheux (1990) e Orlandi (2007).

O caminho metodológico percorrido envolveu a realização de uma pesquisa de campo em escolas estaduais de ensino, mais precisamente em um material didático que está disponível no site da EFAPE (que é de domínio público) e foi impresso, usado e distribuído a milhares de alunos do Ensino Fundamental durante os anos de 2020 e 2021.

É necessário entender de que maneira o acesso ao mundo digital é garantido na escola e isso significa refletir sobre como os alunos interpretam e criam significados a partir do texto, da mídia eletrônica e, principalmente, a partir de si mesmos, pois como explica Romão (2006, p. 305) “ao clicar, o navegador vê o mundo do ciberespaço como uma representação virtualizada e inscreve (-se) em discursos que fazem falar sentidos e possibilidades de roteiros e cartografia, atualizando permanentemente o já-lá”, enfim como o sujeito-aluno se constitui fazendo uso desse recurso.

Resultados e discussão

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, observando as necessidades do século XXI, e, a necessidade de inserção de tecnologias em diferentes âmbitos da vida e as competências e habilidades do Currículo Paulista, lançou o Programa Inova Educação e o componente curricular de Tecnologia e

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.



Inovação que “visa aproximar-se da realidade dos estudantes, que em maior ou menor grau estão imersos no mundo digital, potencializar e estimular a construção do conhecimento e o protagonismo dos estudantes” (INOVA, 2020, p. 1). Portanto, é importante elucidar que o “Inova Educação” surge com o propósito de:

Permitir uma maior conexão entre professores, alunos e outros integrantes da Rede e conectá-los às soluções tecnológicas inovadoras. Este Movimento também tem como objetivos dar a oportunidade para que todos possam vivenciar os três componentes do Programa Inova Educação, (Projeto de Vida, Eletivas) e promover um ambiente de cocriação, *compartilhamento de ideias e soluções que melhorem o dia a dia da Rede*. O Movimento Inova valoriza e reconhece práticas inovadoras em educação, voltadas à tecnologia e inovação, pensamento científico, projeto de vida e disciplinas eletivas (INOVA, 2020, p.01).

Ao analisar o discurso presente no site do Programa Inova Educação, apresentado acima, questionamos a formulação “*soluções que melhoram o dia a dia da rede de ensino*”. O que seria essa melhoria? Qual é o discurso dominante que circula a respeito da educação no país e sobre o uso da rede eletrônica na escola? Será vista a tecnologia como solução para tantos desafios presentes na escola? Enfim, são questionamentos que nos provocaram a escrever e investigar sobre o interdiscurso que sustenta a presença da BNCC e da cultura digital na escola. Segundo Dias (2020, p. 168):

O Inova Educação é um programa do Governo de São Paulo, lançado em maio de 2019 pelo então governador João Doria e o Secretário de Estado da Educação, Rossieli Soares. Segundo o programa Inova Educação, Tecnologia é um “componente curricular”. Esse componente constitui um dos eixos da reestruturação da Educação, portanto, não podemos considerá-lo de modo superficial, já que ele tem uma certa centralidade nessa reestruturação.

Pretendemos analisar as formações discursivas que circulam nesses materiais, o uso e tratamento da língua presentes neles, e, como se encaminham as propostas de atividades pedagógicas no que diz respeito ao uso de tecnologias no contexto educacional.

Nas diretrizes do Projeto Inova constam que: o componente curricular de Tecnologia e Inovação foi pensado para formar cidadãos capazes de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma consciente, crítica, significativa, reflexiva e ética, conforme preconiza a Competência 5 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (INOVA, 2020).

Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 12).

Nesse sentido, cabe ao analista do discurso investigar como a BNCC, trazendo essa competência de número 5, autoriza sujeitos-professores e alunos a trabalhar com a cultura digital, ou seja, buscamos analisar como os materiais didático do Inova e as tecnologias digitais de informação são compreendidas de forma crítica, reflexiva e significativa para alunos e professores.

Para tentar compreender como esses sentidos chegam à escola e são discursivizados pelos sujeitos-escolares, a seguir analisaremos o recorte de número 1. Trata-se de uma produção textual de um sujeito-aluno L. C., que estuda na 1º série do Ensino Médio na rede Estadual de Ensino (interior de São Paulo):

Recorte de número 1

Eu acho que umas das maiores dificuldades do ensino remoto é a não ter a presença de alguém para te explicar e te auxiliar, e muitas vezes quando nós mandávamos mensagens para os professores, já como eles tinham muitos alunos para responder muitas vezes demorava muito.

Apesar de eu ter acesso fácil a um computador e celular várias vezes eu não conseguia entender a matéria, por exemplo *as novas matérias de Tecnologia, eletivas e projeto de vida, eu não entendi direito o objetivo delas e acho elas um pouco inúteis, porém faço todas.*

No entanto, agora está sendo mais incluso a tecnologia nas salas de aula e isso facilita e melhora mais o aprendizado, e agora nós temos uma sala de informática onde podemos fazer as Avaliação e outras atividades.

Fonte: Produção textual de um sujeito-aluno L. C., que estuda na 1º série do Ensino Médio, 2021.

Quando o sujeito-aluno L. C. discursiviza sobre as novas disciplinas do Currículo chama nossa atenção a formulação “as novas matérias de Tecnologia, Eletivas e Projeto de vida, eu não entendi direito o objetivo delas e acho elas um pouco inúteis, porém faço todas”. O adjetivo “inúteis” retoma a formação discursiva dominante no discurso dos sujeitos-professores que falaram sobre a BNCC e as tecnologias digitais.

É importante questionar como essas disciplinas do Inova foram apresentadas aos alunos, se houve um debate acerca da implementação delas na escola, se os alunos puderam escolher os assuntos das Eletivas que mais lhe interessavam, conforme preconiza o INOVA, que tipo de conhecimento se produz nessas disciplinas, enfim, é preciso pensar nas condições de produção que se dão essas novas matérias e quais sentidos os alunos produzem a partir delas.

Entendemos que o foco de nossa pesquisa é a disciplina de Tecnologia e Inovação, porém, ao dizer que não entende os objetivos dessas disciplinas, o sujeito-aluno L.C. nos dá indícios de que não houve a instauração do discurso polêmico (Orlandi, 1987), abertura para discussões sobre tecnologia e abordagens pedagógicas em que os sujeitos-alunos se colocam como protagonistas do discurso.

Quando pensamos a ideologia vinculada à linguagem estamos considerando a linguagem como social e não transparente, passível de interpretações, portanto, como nos explica Orlandi (2007, p. 45), “não há sentido sem interpretação e isto atesta a presença da ideologia”. Esse percurso de leitura nos fez refletir sobre a concepção de língua e linguagem utilizada nos materiais didáticos do novo Projeto Inova do governo do Estado de São Paulo, implementado pela secretaria de educação do estado desde 2019.

Ao analisar o material didático da disciplina Tecnologia e Inovação, ofertado aos alunos do Ensino Médio da SEESP, percebemos que há lacunas, “furos” na linguagem e isso culmina pensar que os mecanismos ideológicos que capturam o sujeito-aluno não só em atividades de sala de aula, mas na escola, no discurso do professor, enfim é por meio desses discursos que nos afetam ao longo da vida, que nos constituímos ideologicamente, que nos formamos como sujeitos, por meio da linguagem.

Segundo Pêcheux (1990) é importante compreender que a relação linguagem-mundo não é natural, mas linguístico-histórica, por isso precisamos pensar a linguagem, os sujeitos e os sentidos a partir de uma posição que se dispõe a duvidar e a interrogar o que está posto. Compreende-se que é de grande importância para sociedade contemporânea entender sobre “as novas discursividades que se instauram no mundo mediante a mutação gerada pela tecnologia digital e conseqüentemente pela materialidade assumida por essa discursividade” (DIAS, 2004, p. 19).

A partir desse momento analisaremos o recorte de número 2 que traz em seu bojo o excesso de atividades que utilizam do *QR code*, para o aprendizado sobre textos cibernéticos, retirados do material didático, do 9º ano do Ensino Fundamental II, Currículo em Ação, volume 2, publicado e distribuído nas escolas em 2021:

Recorte de número 2


ATIVIDADE 4 – CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO

A Escrita Colaborativa – É um texto construído por diversas mãos. Não é o mesmo que fazer comentários, concordar ou compartilhar. Significa contribuir, com uma ou muitas pessoas, na construção de uma mesma obra.

Na internet, colaborar significa contribuir com informação relevante. A escrita colaborativa começa com a ideia de alguém e esta ideia se amplia, evolui, se aperfeiçoa através da participação (contribuição) de outras pessoas (coletivo). Diversas são as plataformas disponibilizadas na internet para a escrita colaborativa, dentre elas estão os blogs, wikis etc. É possível também usar a escrita colaborativa de muitas formas e para muitos propósitos, por exemplo, uma revista ou jornal digital, uma pesquisa escolar, um artigo, dentre tantas outras possibilidades.

Para saber mais acesse:
Blog – <https://bit.ly/2QmB5Hi> e <http://mediaboom.com.br/midia-social/como-fazer-um-blog-colaborativo/>
Acesso em: 26 jan. 2021.


Wiki – <https://bit.ly/2Q0u6oa> e http://www.nre.seed.pr.gov.br/arquivos/File/curitiba/crte/tutorial_wikispaces.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.



AS TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO

STOP MOTION – técnica que usa imagens (fotos, desenhos, ilustrações etc.) sequenciais e diferentes de um mesmo objeto em condição estática, para imitar seu movimento.

Para saber mais acesse: <https://bit.ly/39k0v0Q>. Acesso em: 26 jan. 2021.



Fonte: Currículo em Ação, volume 2 do 9º ano do Ensino Fundamental II, 2021.

A recorrência do QR code como meio de acesso às atividades diversas não é uma discursividade que está presente somente na disciplina de Língua Portuguesa, mas nas páginas do material didático de variadas disciplinas há esse recurso para que o aluno tenha acesso a textos, vídeos e informações.

Porém, buscamos refletir sobre como um aluno que não tem um aparelho celular e internet vai conseguir ter acesso a essas informações para realizar as atividades propostas? Como é imaginada e como ocorre a função-leitor nessa página cheia de QR code?

A pesquisa TIC Domicílios apontou que enquanto 92% da classe média está conectada, apenas 48% da população de baixa renda, Classes D e E, têm algum tipo de acesso à Internet, quase sempre via celular (TIC Domicílios, 2019). Os desafios para a inclusão digital ainda são imensos no País (Couto; Couto; Cruz, 2020, p. 210). Dias (2020) escreve sobre posição do sujeito-leitor do/no digital e nos explica que:

Um sujeito cujo olhar está “inclinado” para a tela. Mais que submetido a essa textualidade, ele está submerso nela, absorto. Pensaremos num sujeito-leitor que encontra seus materiais de leitura através de uma pesquisa automatizada: uma pesquisa no *Google*, por exemplo, e o que ele tem como resultado é uma textualização seriada de links (Dias, 2020, p. 170).

Como observamos, essa sequência de QR code está disposta no papel, em um material didático que é oferecido diretamente aos alunos. Por isso, indagamos: na escola, lugar no qual se constrói conhecimento, quais possibilidades de se criar, conceber aprendizado diante de uma textualização seriada como QR code?

Sobre essa posição sujeito-leitor vale acrescentar que é “um leitor que desliza o dedo sobre a tela do *smartphone*, clicando em pontos diversos da tela para pausar, copiar, ampliar, digitar, passar a tela, abrir uma outra” (Dias, 2020, p. 170). Em outras palavras:

O olhar submerso a essa textualidade desliza rápido, como o dígito, desse modo, a leitura passa por um processo de automatização que traz em si gestos de interpretação, de quem desenvolveu um algoritmo de busca, da memória de quem busca, de uma injunção à interpretação que leva o sujeito a clicar nos resultados x ou y (Dias, 2020, p. 170).

A esse respeito Dias (2020) desenvolve uma noção de textualidade seriada que é um modo de teorização e de compreensão do texto pelo digital.

Elas constituem uma relação específica do sujeito com a linguagem, a partir da qual ele textualiza. Quando falo em textualidades seriadas não estou me referindo somente a textos produzidos nas redes sociais, nos blogs, nos jogos, nos memes etc., mas de gestos de interpretação afetados pelo digital. Textualização do sentido em série. Jogo entre a repetição, a regularização e o deslocamento. A textualidade seriada se define pela repetição de um elemento que forma série, por meio do qual se dá unidade e estabilidade à circulação (Dias, 2020, p. 171).

Pensando nesses sentidos, somos levadas a pensar em como está se dando a construção do sujeito-leitor na escola. Nós, na posição de pesquisadoras, acreditamos que a escola seja lugar de construção, de elaboração, emergência da subjetividade, de cocriarão, portanto, criticamos a reprodução de



atividades com uma sequência de QR code esvaziada de sentidos e que não contribui para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Analisamos que a BNCC ao supervalorizar a cultura digital na escola precisa repensar esse processo de modo a possibilitar a (re)organização de produção de conhecimentos e sentidos que circulam na escola. Defendemos que valorizar esse modo de formação do leitor é um desafio para formação do aluno, portanto, entendemos que as textualidades seriadas ressignificadas pelo digital devem vir de modo a construir conhecimento e não o reproduzir de modo repetitivo.

Ao analisar os recortes acima citados percebemos que são atividades com propostas rasas de produção do conhecimento, é como se ali estivesse apenas textos de informações sobre o que é cada gênero, ou seja, é como se ao acessar os QR code o aluno tivesse acesso a conteúdos superficiais, e não à produção de conhecimento sobre aquele gênero discursivo, ou seja, não se discute como se constitui, quem são os leitores ou ouvintes desses gêneros, quem pode criar e quem pode ter acesso a eles?

Considerações finais

A escola deveria ser lugar de construção de conhecimento, de elaboração, emergência da subjetividade, de cocriação, portanto, criticamos a reprodução de atividades parafrásticas no livro didático sobre a cultura digital na escola.

Percebe-se que as atividades propostas nesses livros estão na ordem da reprodução e repetição de sentidos, desse modo, o material didático analisado é construído com base no silenciamento, pois silencia as vozes do outro/Outro, silencia as formações discursivas que não são desejadas, silencia o gesto de interpretação de alunos e professores, ao trazer pronta e colorida a resposta que deve ser dada às questões.

Acredita-se que o acesso à cultura digital deveria ser um direito de todos, porém analisamos que na escola, utilizando esse material didático, isso não acontece, pois ao invés de uma disputa pelo dizer há o silenciamento, apagamento dos dizeres dos sujeitos-alunos sobre sua subjetividade e experiências envolvendo o contexto do digital, ao passo que a escola e o material didático “Currículo em Ação” usa seu poder, por meio do discurso autoritário, para silenciar os dizeres que a instituição não concorda, não domina. Concluímos que os sujeitos-alunos encontram muitas dificuldades de acesso às tecnologias digitais e o material didático não colabora para ampliar a construção do conhecimento neste campo e isso representa um desafio para um ensino público de qualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.



DIAS, C. P. Ensino e tecnologia: o texto pelo digital. **Revista Ecos**, n. 28 v. 1, p. 57-175, 2020.

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos):** a sala de bate-papo HIV. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270717>. Acesso em: 3 jan. 2024.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #fiqueemcasa: educação na pandemia da Covid-19. **Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 200–217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 11 jan. 2024.

INOVA, **Diretrizes curriculares da disciplina de Tecnologia e Inovação.** 2020. Disponível em: Tecnologia e Inovação - Google Drive. Acesso em: 1 jan. 2024.